

ENTRE HERÁCLITO E JOÃO GUIMARÃES ROSA: MOVIMENTOS

Rafael Andrés Villari

Mestrando em Teoria Literária, UFSC

A leitura crítica de *Grande Sertão: Veredas*, como a de todo clássico, apresenta o desafio referente aos caminhos a percorrer na construção do ensaio crítico. Pelo fato de ser uma obra-prima, os mais renomados ensaístas têm-se debruçado sobre este texto e descoberto nele inúmeras possibilidades de análise, promovendo o efeito inibitório que podem provocar os clássicos da crítica. Por isso, tentaremos utilizar, desses ensaios sobre *Grande Sertão: Veredas*, alguns aspectos neles assinalados, em particular o recorte que Antonio CANDIDO¹ faz em relação à ambigüidade e à reversibilidade.

Ao mesmo tempo, encontrando estes conceitos - reversibilidade e ambigüidade - nos fragmentos de Heráclito, tentaremos fazê-los dialogar com o romance de João Guimarães Rosa, tendo em conta que, “[...]essa volta aos palimpsestos implica uma redinamização, ou descentrar dos textos-palimpsestos, para que eles passem a significar outras imagens, outras idéias, para que eles se revistam de outros ritmos e sonoridades.” (DOS SANTOS, 1995, p.59). A figura do palimpsesto se desenha nos fragmentos de Heráclito, se pensamos a distância que nos separam deles através, não só do tempo, senão também das diferentes fontes e traduções que temos; como se detrás de cada proposta de tradução pudéssemos vislumbrar outras anteriores, e quiçá futuras².

O leitor e seu texto. O ato de leitura parece envolver, minimamente, um sujeito debruçado sobre seu texto. Esta imagem corrente pode conter o

gesto de leitura, dissociado do que poderíamos chamar de leitura instrumental.³ “[...]nas quais o gesto de ler desaparece sob o ato de aprender[...]” (BARTHES, 1988, p. 46). Tratando-se de um verdadeiro gesto de leitura, se olharmos com atenção a cena, encontraremos imagens, medos, sensações, personagens - próprios e alheios -, e claro, outras leituras anteriores - acompanhadas das suas circunstâncias -, povoando os interstícios da paisagem que representa um leitor e seu texto. Imagem erótica se pensamos que “na leitura, o desejo está presente junto com seu objeto, o que é a definição do erotismo.” (BARTHES, 1988, p.48)

Assim, na disposição do gesto de leitura, inaugura-se um espaço convocante onde não conhecemos de antemão o espectro dos convivas. “[...] já que a leitura é, de direito, infinita, tirando a trava do sentido, pondo a leitura em roda livre (o que é a sua vocação estrutural), o leitor é tomado por uma intervenção dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobredecodifica*, não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia.” (BARTHES, 1988, p.51).

Travessia. É este o significante que fecha *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. A tentativa de alguma exegese significa, para nós, apresentar alguns dos efeitos de leitura do mesmo. Quer dizer, expor os convidados inesperados que apareceram na travessia, que nos constituiu como leitores, de primeira viagem, de João Guimarães Rosa.

Identificamos muitos acordes em *Grande Sertão: Veredas*. Para nós, ecoaram nele desde textos bíblicos até o Quijote, como diz A. CANDIDO, em “*Grande Sertão: Veredas* há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado.” (CANDIDO, 1983, p.78).

Destes convidados, como já dissemos, escolhemos um: Heráclito de Éfeso. Medeiam entre a produção de Heráclito e João Guimarães Rosa

dois mil e quinhentos anos de cultura ocidental. Mesmo assim escutamos um no outro. Então, a partir do conceito de *reversibilidade e ambigüidade*, tentaremos traçar neste ensaio um ponto de cruzamento entre *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa e alguns dos fragmentos de Heráclito.

Lembremos que, em Heráclito, encontramos a própria constituição da prosa; podemos dizer até que se trata do primeiro prosador. Ele se localiza em oposição à tradição homérica, onde o verso domina, no âmbito da oralidade. De Homero a Heráclito, encontramos a passagem da oralidade à escrita. Esta transição, repleta de efeitos, configura a ruptura com a tradição, e quiçá a inauguração de uma tradição de rupturas. Antes de Heráclito, percebemos, através dos heróis homéricos, a apreensão do mundo concebido como uma totalidade, encarnada no espaço épico pelo mundo da genealogia com seu efeito de ordenação tranqüilizadora, representada na abundância épica, na apresentação organizada de um discurso abundante, porém obliterante da produção de um outro discurso, enquanto efeito de produção da própria narrativa épica. Uma narrativa fechada em si mesma.

A este sentido opõe-se Heráclito. Se bem, devemos destacar que, se na passagem da oralidade para a escrita, vislumbra-se a constituição da prosa e de seus efeitos, isto não implica que a tradição oral não tenha continuado a existir, basta percebermos que, até hoje, podemos conhecer parte daqueles cantos; a novidade foi a inauguração de uma nova forma de dizer e de pensar a partir da experimentação com a escrita.

Ocorre então o carregamento da palavra através da manifestação da figura do leitor. À diferença do canto épico, a escrita inclui a presença do leitor e, junto com este, a exigência da interpretação. Ante o pensamento concentrado na escrita, a proposta ao comentário se delinea enquanto forma de falar sobre o escrito⁴. É este o caso de Heráclito.

Atualmente dispomos de cento e vinte e seis fragmentos do que alguns supõem ter sido um texto maior e com uma coesão própria.⁵ Outros opinam que sempre se tratou de fragmentos, embora se tenham perdido a maior parte deles. De qualquer maneira, a própria forma de apresentação fragmentária provoca o esforço interpretativo de leitura. Lembremos que Heráclito já era chamado pelo seus contemporâneos de “o obscuro”, quer dizer, ele sempre desafiou o pensamento, a interpretação “[...] o fato dos antigos haverem-no já denominado “o Obscuro” e o “Fazedor de Enigmas” basta para mostrar que a pobreza relativa de nossas fontes não é a única razão das divergência modernas e dos riscos que incorremos ao tentar uma interpretação.” (BERNHARDT, 1973, p.34-35).

O enigma proposto é próprio da condição da linguagem. Aparece em Heráclito a potencialização do enigma, da ambigüidade e, com isso, a ferida na totalidade homérica, “As coisas se passam de um outro modo que o imaginava Homero, que aspira a uma paz que seria aniquilamento” (BERNHARDT, 1973, p.37). Já em um dos seus fragmentos encontramos,

“O senhor, de quem é o oráculo em Delfos, nem diz nem oculta,
mas dá sinais”⁶.

Este fragmento representa a promoção do enigma na linguagem, na medida em que propõe a necessidade de uma leitura e sua interpretação, ou de outra forma, manifesta o conflito. Porque inaugurando o enigma, Heráclito fere a concepção do mundo representada por Homero. Lembremos que as musas ocupam, no mundo homérico, o lugar de onde provém o canto. Em Heráclito, este sentido anterior não é dado. O oráculo precisa ser interpretado. Com Delfos, aparece a diferenciação em relação às musas homéricas, na

responsabilidade de quem faz a interpretação, e Heráclito desafia a interpretação. Esta é a forma que inaugura.

São muitos os temas heraclitianos por excelência: o *logos*, o *fogo*, a *natureza*, o *homem e a sabedoria*. Mas, é nas reflexões sobre o *combate e a harmonia do contrários* e sobre o *devir* - oposto à idéia do ser imutável dos eleatas-, que encontramos ecos e possibilidades dialógicas com *Grande Sertão: Veredas*.

Quer dizer que a aproximação entre Heráclito e o *Grande Sertão: Veredas* não somente responde a uma questão estrutural - posicionamento comum em relação à escrita e à experimentação na linguagem -, senão também aos temas centrais das respectivas obras.

Sobre o combate e - ao mesmo tempo - a harmonia dos contrários, vários são os fragmentos de Heráclito onde encontramos este tema,

“o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia”⁷.

ou

“Conjunções o todo e não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissonante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas”⁸.

Também encontramos,

“Não compreendem como o divergente consigo mesmo concorda; harmonia de tensões contrárias, como de arco e lira”⁹.

e ainda,

“É preciso saber que o combate é o-que-é-com, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vem a ser segundo discórdia e por necessidade”¹⁰.

Estas são algumas referências de Heráclito que nos remetem ao *Grande Sertão: Veredas*, ao movimento interno do romance. Como diz A. CANDIDO, “[...] há em *Grande Sertão: Veredas* uma espécie de grande princípio geral de reversibilidade, dando-lhe um caráter fluído e uma misteriosa eficácia.” (CANDIDO, 1983, p.88). Junto ao princípio de reversibilidade, a ambigüidade percorre o romance enquanto matriz formal.

No pensamento de Heráclito, encontramos a idéia da reversibilidade entendida como a necessidade relacional dos opostos. Esta aponta a definição de um elemento, e quando falamos de definição apontamos também a existência na oposição com o outro. Quando dizemos que Heráclito se localiza na passagem da oralidade para a escrita, dizemos também que a escrita inaugura, desvela a tensão interna do próprio significante. Tensão em relação a seu limite, outorgado pela diacronia significante na cadeia. A este aspecto da linguagem atrela-se a figura do combate, da guerra, onde o sentido de tensão constante evidencia-se. Em F. de SAUSSURE encontramos a definição do valor do signo lingüístico pela oposição com outros significantes, “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente pelo seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.” (SAUSSURE, 1989, p.137). Essa negatividade assinala um problema de topologia. O signo delimita seu espaço pelo proximidade com outros signos, demarcando seu próprio lugar. Essa relação na estrutura condiciona um

signo pela referência ao outro. É o que encontramos em Heráclito e em *Grande Sertão: Veredas*, esse caráter de reversibilidade que aponta A. CANDIDO. A reversibilidade que é luta, tensão. Em G. HEGEL (1978, p. 94), encontramos,

Da harmonia faz parte determinada oposição, seu oposto, como na harmonia das cores. A subjetividade é o outro da objetividade, não de um pedaço de papel - o absurdo disto logo se mostra -, deve ser seu outro, e nisto reside sua identidade; assim cada coisa é o outro do outro enquanto seu outro. Este é o grande princípio de Heráclito; pode parecer obscuro, mas é especulativo; isto é, para o entendimento que segura para si o ser, o não-ser, o subjetivo e objetivo, o real e o ideal, sempre obscuro.

Já em *Grande Sertão: Veredas*, encontramos a presentificação da ambigüidade no personagem Diadorim, nele condensa-se num mesmo espaço andrógino, a masculinidade e o enigma feminino. Podemos encontrar maior representação da reversibilidade, e do ambíguo, que uma figura onde coabitam os sexos, num homem com segredos de mulher? Reverbera na figura de Diadorim o fragmento que diz:

“o contrário é convergente e dos divergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia.”¹¹

remetendo à “bela harmonia”, à dubiedade do enigma. É, através do personagem Diadorim onde, “[...] a androginia divina, fenômeno religioso complexo, “é uma fórmula arcaica e universal para exprimir a totalidade, a coincidência dos contrários”, coincidentia oppositorum. Liga-se ao mito da

origem divina da alma e de seu final retorno à Unidade da qual foi desapossada.” (NUNES, 1983, p.128). A pergunta pela sexualidade, pela diferença dos sexos, junto à questão sobre a morte e a origem, nos remete ao mito enquanto tentativa de resposta. Como se, ante o real dos enigmas da existência, respondêssemos com palavras, na forma de histórias, onde pudéssemos significar o limite. Mitos universais onde cada sujeito articula-se desde sua condição própria. Mitos individuais através dos quais respondemos com a particularidade dos nossos fantasmas¹².

Ao mesmo tempo, é na geografia do sertão, onde a reversibilidade encontra seu lugar, “O São Francisco partiu minha vida em duas partes.” Atentando para a sua função no livro, percebemos com efeito que ele divide o mundo em duas partes qualitativamente diversas: o lado direito e o lado esquerdo, carregados do sentido mágico-simbólico que esta divisão representa para a mentalidade primitiva.” (CANDIDO, 1983, p.80). A geografia do sertão desdobra-se a cada passo da narrativa. As duas travessias do “Liso do Saçarão”, a primeira e a segunda se significando mutuamente, marcam a distinção do marco real oposto ao fantástico. Num mesmo espaço geográfico, a reversão.

Mas é também na figura do jagunço que a ambigüidade se personifica. A ambigüidade perpassa a figura do jagunço. No jagunço convivem o salteador, o assassino, o pistoleiro, o valentão; mas, ao mesmo tempo, essa figura pode encarnar o ideal de liberdade e independência, o justiceiro. E, se Diadorim encarna a condensação, a síntese total do enigma da sexualidade, em Riobaldo, reúnem-se os aspectos positivos e negativos do jagunço. É na consciência deste personagem que se desdobra a luta entre o bem e o mal, na “ambigüidade metafísica, que balança Riobaldo entre Deus e o Diabo, entre a realidade e a dúvida do pacto, dando-lhe o caráter de iniciado no mal para

chegar ao bem.” (CANDIDO, 1983, p.88).

Encontramos assim o combate em *Grande Sertão: Veredas*, que transcende a consciência do jagunço Riobaldo, até a luta à morte com Hermógenes¹³ — personagem que serve na narrativa como oposição existencial para Riobaldo. Encarnam ao mesmo tempo o combate dos opostos e a harmonia. Ao modo do valor do signo que em oposição a outro signo se demarca, a relação entre estes personagem responde a esta dialética. Sem um, o outro não existe enquanto tal, o que quer dizer que um significa o outro. O combate fazendo-os existir.

Como em Heráclito que,

[...] essa universal Unidade deve ainda se identificar à Guerra, de onde partimos. Ora, a Guerra não é pluralidade ou, pelo menos, dualidade? Não apenas: a guerra une os que ela coloca em combate, o conflito atesta uma afinidade. Poder-se-ia assim desenvolver a intuição de Heráclito: uma unidade simples é factícia, uma pluralidade inorgânica não constitui tampouco um mundo; só a oposição, que a mais familiar e mais antiga experiência reconhece, implica a unidade da diversidade e a identidade das diferenças, pois os termos opostos só existem uns pelos outros (por exemplo, saúde e doença, bem e mal) mesmo mantendo entre eles uma diferença irreduzível. (BERNHARDT, 1973, p.37)

A guerra, a luta, o combate é o ponto arquimediano em *Grande Sertão: Veredas*, podemos dizer, seu motor existencial. O desenlace da guerra, com a morte de Hermógenes, significa a morte, também, não de Riobaldo, senão do jagunço Riobaldo. Nada significando a jangunçagem, a partir do momento em que aquele que significava sua vida de jagunço - Hermógenes

-, tinha sucumbido,

É preciso saber que o combate é o-que-é-com, e justiça (é) discórdia, e que todas (as coisas) vem a ser segundo discórdia e por necessidade¹⁴.

A oposição, a discórdia que, à primeira vista, impregnam com seu caráter negativo, desdobram-se e apresentam o motor para a vida,

O combate gerador e organizador faz predominar ora um termo, ora o outro, nos pares de opostos que se entredoravam segundo um sistema de compensações sem dúvida ao mesmo tempo sucessivo e simultâneo, cuja “medida” e cujos limites resultam de sua profunda unidade discordante. A harmonia suprema é, pois, o equilíbrio dinâmico imanente à totalidade do cosmos, o qual é lícito considerar e só ele absolutamente eterno e imperecível (BERNHARDT, 1973, p.38)

A luta dos opostos, no movimento implicado, nos remete ao outro tema heracliteano discriminado por nós: o devir. Em Heráclito, como vimos, o devir se opõe ao ser, entendido como um entidade imutável, entanto essência. A reversibilidade em Heráclito, remete ao movimento, como diz G. HEGEL (1978, p.93), “É um grande pensamento passar de ser para o devir; [...] o verdadeiro é o devir, não o ser - a determinação mais exata para este conteúdo universal é o devir.”

O devir em Riobaldo é delineado em função do conflito. Sua luta interna diz respeito a um combate constante entre o bem e o mal, representado

na dúvida sobre a formalização, ou não, do pacto com o diabo. O personagem se ancora nessa dúvida para poder autorizar-se ora no campo do bem, ora na possibilidade do mal - ao mesmo tempo em que a rivalidade de morte com Hermógenes, lhe possibilita localizar-se na dicotomia bem-mal. Hermógenes representa o mal, o pacto confirmado com o diabo, aquele que deve ser destruído, a encarnação do mórbido. Neste sentido, Riobaldo pode-se definir, ao menos em relação a seu rival, do lado do bem; embora, para poder alcançar isto, tenha procurado a representação do próprio mal, na procura de um pacto de morte. Em Heráclito encontramos, "Do que jamais mergulha como alguém escaparia?"¹⁵ ou como diz A. CANDIDO, "“Sobrelégio?” E como tem consciência de que a manifestação concreta não é necessária para demonstrar a existência do Cujo - mais princípio do que ente - , permanece, no fundo, amarrado a ele, que se torna de certo modo o grande personagem, tanto mais obsedante quanto menos palpável." (CANDIDO, 1983, p.89) Habitam, em *Grande Sertão: Veredas*, o rumor das grandes questões existenciais, preponderantemente, a função do mal, enquanto dúvida metafísica do personagem-narrador. Uma dúvida que parece ultrapassar a dicotomia do ser ou não ser, "[...] para sugerir formas mais ricas de interação do ser." (CANDIDO, 1983, p.88), o que nos remete novamente a Heráclito quando escutamos, "A rota para cima e para baixo é uma e a mesma"¹⁶, rota ou caminho que, ademais, traça na própria geografia do sertão a seqüência do devir.

Ao mesmo tempo, o personagem Riobaldo opõe-se ao narrador Riobaldo na medida em que o posicionamento subjetivo é diferenciado. A pergunta do jagunço Riobaldo aponta para o ser ou não ser. É um debate, podemos dizer, pré-heracliteano, na medida em que o acento parece estar na luta dos extremos, onde um dos pólos finalmente poderia triunfar. Na história,

um dos opostos prevalece, Hermógenes é derrotado, mas na dúvida existencial, interna, o questionamento sobre o bem e o mal continua, não tem solução. Como se o jovem protagonista acreditasse, com a morte do rival, na possibilidade de solução do conflito. É no velho Riobaldo, aquele que narra, que nos defrontamos com a possibilidade do movimento constante entre os pólos opostos da dicotomia; a interação, o imbricamento de ambos, ao modo da travessia.

Assim, a respeito do devir, podemos distinguir, em *Grande Sertão: Veredas*, dois espaços diferenciados, o vir a ser do personagem Riobaldo - o jagunço - no deslocamento pelo sertão enquanto movimento de construção do próprio espaço geográfico e fantástico, e o devir da narração, onde o mesmo Riobaldo se constrói no tempo do discurso. A narrativa aparece como o resgate da história, contendo a possibilidade de significá-la, como tentativa de simbolizar o real através da palavra, “Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba”. Pessoalmente interpreto isto como indicação de um método próximo do socrático - a maiêutica - ou da livre narrativa psicanalítica. Ou seja, fazer sair as verdades ignoradas que trazemos em nós, atualizar experiências virtuais.” (GERSEN, 1983, p.103). Quer dizer, o que o velho narrador propõe é um enigma, um saber oculto, “quero contar o que não sei”. Porque, presentificar a história na palavra traz junto, não somente o fato senão também aquilo que, no decorrer do acontecimento, escapa na presença-ausência da palavra. Desta forma, viver e narrar confundem-se numa relação de dependência, onde a origem do mal parece ser a questão obsedante do personagem, uma dúvida que remete no horizonte ao que poderíamos chamar de uma ética jagunça.

O ato da narrativa, no que nos parece ser o personagem na sua

maturidade, parece coroar, não somente a ordenação narrada de sua vida, senão também o movimento pelo qual o personagem consegue, nesse relato para um outro - narratário - , atribuir, fixar alguns sentidos, suas interrogações existenciais, quiçá não ao modo de uma revelação total, senão na provisoriidade da travessia, onde a conjunção do bem e do mal desloca a idéia de uma imanência unipolar, inuagurando a operatividade do devir. Não se trata mais de ser ou não ser. Provavelmente, o nominalismo do gerúndio *sendo* retrata o tempo da travessia, não se tratando de ser, senão, *de ir sendo...*

Notas

1. CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: COUTINHO, Eduardo (org.) *Guimarães Rosa*, coleção Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira - INL, 1983.p.72-78.

2. Neste ensaio utilizamos, no corpo do texto, a tradução constante de José de Cavalcante de Souza, CAVALCANTE DE SOUZA, José (org.) In: Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários. col. *Os Pensadores*. 10 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.92-102.

Em nota de rodapé apresentaremos as propostas de tradução dos fragmentos estabelecidas pelo professor Dr. Donaldo Schüller, a quem devemos, através de um curso ministrado na UFSC no primeiro semestre de 1995, nossa introdução ao pensamento de Heráclito.

3. A respeito ver, BARTHES, Roland. "Da leitura". In: *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.43-52.

4. A posição do ouvinte e do leitor nos parece topologicamente diferente. Perante o canto, o ouvinte é seduzido pelo som e atropelado na sucessão

ordenada — em ambos os sentidos — do cantor. O efeito de produção, no ouvinte, remete-se à reprodução, à transmissão do canto, da forma mais fiel possível. A transmissão épica não solicita necessariamente a interpretação. A distinção entre o ouvinte e o leitor não se restringe somente à diferença entre atividade e passividade, parece-nos que isso não distinguiria topologicamente ambas as figuras. A diferença fundamental, de estrutura, aponta o efeito de produção, na medida em que o ouvinte não é levado a produzir a partir do canto, e sim a re-produzir. A escrita, na medida em que se reproduz por si mesma, em cada leitura, abre o espaço a outro tipo de relação, quer dizer, a produção de outros textos, transmitindo o desejo de escrever, “[...]a leitura é condutora do Desejo de escrever (estamos certos agora de que há um gozo da escritura, se bem que ainda nos seja muito enigmático). Não é que necessariamente desejemos escrever *como* o autor cuja leitura nos agrada; o que desejamos é apenas o desejo que o escritor teve de escrever: desejamos o desejo que o autor teve do leitor enquanto escrevia, desejamos o *ame-me* que está em toda escritura. Foi o que disse claramente o escritor Roger Laporte: “Uma pura leitura que não chame uma outra escritura é para mim algo de incompreensível...A leitura de Proust, Blanchot, de Kafka, de Artaud não me deu vontade de escrever a respeito desses autores (nem tampouco, acrescento, *como eles*), mas de *escrever*” (BARTHES, 1988, p.50).

5. Ver a respeito HEGEL, Georg W. F. Preleções sobre a História da Filosofia. CAVALCANTE DE SOUZA, José (org.) In: *Os pré-socráticos: fragmentos, doxografia e comentários*. col. Os Pensadores. 2 ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.92-102.

6. frag 93. Plutarco, Coriolano, 21p. 404 D, na trad. de José Cavalcante de Souza. O prof. Dr. Donald Schüller propõe para este fragmento a seguinte tradução: “O senhor, a quem pertence o oráculo de Delfos, não revela nem

oculta, mas acena.”

7. frag. 8 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VIII, 2. 1155 b 4. “O que se opõe se ajusta, e das disjunções faz-se a mais bela construção, e todas as coisas acontecem pela ação do conflito”.

8. frag. 10 Aristóteles, *Do Mundo*, 5396 b 7. “Conjunções: todo e não-todo, convergente-divergente, consoante-disonante, e de todas as coisas, um, e de um, todas as coisas.”

9. frag. 51. Heráclito. *Alegorias IX*, 9. “Não entendem que o diferente condiz consigo mesmo: harmonia discordante como a do arco e da lira.”

10. frag. 80 Orígens, *Contra Celso*, VI, 42. “Convém saber que o conflito é comum, e que a justiça é rivalidade e que todas as coisas surgem por rivalidade e por necessidade.”

11. frag. 8 Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, VIII, 2. 1155 b4. “O que se opõe se ajusta, e das disjunções faz-se a mais bela construção, e todas as coisas acontecem pela ação do conflito”.

12. Sobre o tema, ver LAPLANCHE, Jean & PONTALIS, Jean-Bertrand. *Fantasia Originária, Fantasia das Origens, Origem da Fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1988.

13. Embora o personagem Hermógenes morra em mãos de Diadorim.

14. frag. 80, Orígens, *Contra Celso*, VI, 42. “Convém saber que o conflito é comum, e que a justiça é rivalidade e que todas as coisas surgem por rivalidade e por necessidade.”

15. frag. 16, Clemente de Alexandria, *Pedagogo*, II, 99. “Do que jamais se opõe como alguém escaparia.”

16. frag. 60, Heráclito, *Alegorias IX*, 46. “O caminho para cima e para baixo é um e o mesmo.”